

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO POR BLOCOS DE CARNAVAL EM SÃO PAULO

Luiza Dias de Souza (IC) e Denise Antonucci (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Ao compreender que a constituição de uma cidade é dada como um processo histórico, nota-se a importância de seus espaços públicos para sua formação. Paralelamente a isso, ainda que seja característico da sociedade contemporânea a necessidade de reclusão em espaços cada vez mais privados, no lado oposto do espectro vê-se que essa anseia por espaços de encontro na cidade. Esse desejo, atrelado a um movimento de resistência por parte dos blocos de carnaval de São Paulo, resultou em uma nova cultura do carnaval de rua paulista. Este, além de a cada ano atingir maiores proporções também ilustra a apropriação das ruas pela população, em que a rua, deixa de ser um espaço de conflito e passa a ser de descontração, divertimento e enriquecimento social. Para compreender esse processo de retomada, é necessário realizar um resgate dessa manifestação cultural ao longo da história. Além disso, pode-se dizer que esse mega evento tem um caráter plural e democrático, sendo este um dos principais fatores para tamanha adesão. Diante desse fato, foram realizados estudos de caso e visitas de campo para observar as diferentes escalas e proporções dos blocos, e, analisar os impactos gerados em diferentes âmbitos tais como mobilidade urbana, economia e infraestrutura na metrópole.

Palavras-chave: Espaço público. Carnaval. Apropriação dos espaços.

ABSTRACT

When understanding the city constitution is given as an historical process, it is possible to notice the importance of the public spaces for it's formation. Parallel to this, even though the need for reclusion in private spaces is an increasing characteristic of contemporary society, on the other hand of the spectrum it seems that the same population craves for meeting spaces in the city. This desire, in addition to a resistance movement due to part of São Paulo's carnival blocs, resulted in a new culture of street carnival in São Paulo. Additionally, each year this event is reaching greater proportions, also illustrates the appropriation of the streets by the citizens, which the streets ceases to be a space of conflict and becomes one of relaxing, funning and social enrichment. To understand this recovery process, is necessary to rescue this cultural manifestation throughout the history. Furthermore, it can be said that this mega event has a plural and democratic character, these being one of the main factors for such adhesion. Towards this fact, case studies and field visits were carried out to observe the

different scales and proportions of the blocs, and analyzing the impacts generated in different areas such as urban mobility, economy and infrastructure in the metropolis.

Keywords: Public place. Carnival. Appropriation of spaces.

1. INTRODUÇÃO

Uma cidade é considerada urbanisticamente bem sucedida quando apresenta uma quantidade expressiva de espaços públicos de qualidade, sendo estes usados regularmente por seus habitantes. Dessa forma, “Atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre as pessoas no espaço público. Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais” (GEHL, 2014, p.22).

Pode-se afirmar que a cidade de São Paulo é uma das metrópoles mais dinâmicas do território brasileiro, entretanto, tal dinamismo não se traduz na permanência da população nos espaços públicos. A rua é tida como um local de traslado, um meio para alcançar o destino do passageiro, seja esse, sua residência, seu trabalho, seu destino de compras, entre outros. No ideário brasileiro, “A rua como categoria genérica em oposição a casa, é o local público, controlado pelo “Governo” ou pelo “destino”, essas forças impessoais sobre as quais nosso controle é mínimo” (DAMATTA, 1997, p. 93). Nesse sentido, o cidadão sente insegurança fora de seu recinto privado, e, em decorrência disso, os leitos carroçáveis e demais espaços públicos da cidade tornam-se vazios.

Esse cenário, porém, está passando por um processo de mudança, uma vez que

[...] há uma classificação dos eventos sociais segundo sua ocorrência. [...] os eventos que estão situados fora desse “dia a dia” repetitivo e rotineiro: as “festas”, os “cerimoniais (ou cerimônias), as “solenidades, os “bailes”, “congressos”, “reuniões”, “encontros”, “conferências” etc., em que se chama a atenção para seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso mesmo acontecimentos que escapam da rotina da vida diária (DAMATTA, 1997, p. 47).

Dessa forma, durante grandes eventos culturais, as ruas se transformam, tornando-se veias pulsantes de São Paulo. As praças, de modo similar, encontram-se repletas de paulistanos e turistas, e o olhar das pessoas para com esses espaços sofre uma transformação, ainda que efêmera.

Ao tratar da utilização do espaço público pela população, torna-se praticamente obrigatória a menção dos eventos que melhor a ilustram. O fechamento da Avenida Paulista para automóveis, aos domingos, trata-se de uma ocupação que muda completamente a dinâmica de uma avenida lotada de carros em um local de encontro na cidade, que é democraticamente acessível e permite a ampla liberdade de expressão, seja ela proveniente de qualquer grupo social (GEHL, 2014), com shows ao vivo, arte na rua, entre outros atrativos.

Outro evento que merece destaque é a Virada Cultural, que acontece uma vez por ano e proporciona aos paulistanos, durante vinte e quatro horas, centenas de atrações culturais, como shows, ocupando diversas regiões de São Paulo com cidadãos que desejam usufruir de ruas, praças, entre outros espaços públicos, como um ambiente de lazer, sem medos ou receios, trazendo uma sensação de reconquista tanto das ruas como do centro da cidade (GUERRA, 2011).

É comum não só a esses eventos citados, como também em outros casos de apropriação do espaço público, uma relação recíproca entre usuário/lugar, no qual o primeiro realiza modificações no lugar de acordo com suas vontades e contexto social (vide manifestações políticas que ocorrem na Avenida Paulista). E o segundo, por sua vez, torna-se receptivo a tais mudanças. Essa relação intrínseca é uma das principais razões pelas quais as pessoas se identificam com os lugares em que vivem (NARCISO, 2009).

Assim, esta pesquisa parte do pressuposto que a apropriação dos espaços públicos na cidade de São Paulo no século XXI, ainda que pouco explorada e passando por uma mudança gradual, é capaz de ser impulsionada por iniciativas como os Blocos de Rua e demais eventos que se apoderam da capital, vindo ao encontro do desejo da população que anseia a utilização do espaço aberto em detrimento à vivência em ambientes fechados.

Possuindo como objeto de pesquisa os Blocos de Rua do carnaval da capital paulista, que, em 2019, contou com 516 blocos, durante dezesseis dias, e estima-se que mobilizou cinco milhões de foliões (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019) que fizeram do espaço público seu recinto de entretenimento. Durante essas semanas, a cidade buscou acomodar esse grande evento, inserindo arquiteturas transitórias, planejando alternativas para que o sistema de transportes públicos suportasse um diferente fluxo de pessoas, tanto quanto a equipe de limpeza e segurança.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para o estudo sobre o carnaval no Brasil, o autor que serve de suporte para esta pesquisa é Roberto DaMatta, em seu livro “Carnavais, Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro”, no qual analisa o carnaval em todas suas esferas, inclusive o de rua, de um ponto de vista antropológico, discorrendo sobre como este se articula no espaço público.

Ao tratar o espaço público na cidade, e a respeito de sua devida apropriação, foi usado como base os estudos e reflexões de Mauro Calliari, em seu livro “Espaço Público e Urbanidade em São Paulo”. Este deu embasamento para a conceituação histórica das

diferentes utilizações e importâncias atribuídas ao espaço público na metrópole. Outro autor que também se aplica à fundamentação da pesquisa é Jan Gehl, que escreveu “Cidade para pessoas”, onde propõe uma reflexão sobre o que seria um espaço público de qualidade, a partir de suas características, e quais as razões que levam as pessoas a se apropriarem dele.

Para abordar sobre os megablocos que ocorrem na região a Faria Lima, serviu de suporte o estudo de caso do Largo da Batata, parte do Relatório de Pesquisa realizado pelo Prof. Dr. Luiz Guilherme Rivera de Castro, em que aborda os movimentos populares que ocorreram na área, além da constituição histórica desse espaço e sua relevância no âmbito público para a cidade.

Para o auxílio quanto aos dados, a Prefeitura de São Paulo fornece o Plano de Apoio ao Carnaval de Rua, o qual sintetiza de modo objetivo as medidas de todas as esferas que cercam os blocos carnavalescos. Além disso, as pesquisas realizadas pelo Observatório da SPturis dão o suporte para as informações quantitativas relacionadas a opinião popular a respeito da temática. Por fim as notícias e reportagens que fornecem informações mais específicas de determinados acontecimentos em torno das celebrações.

3. METODOLOGIA

Pesquisa Bibliográfica. Nesta etapa foi feito um levantamento de materiais, sejam eles livros, trabalhos acadêmicos, artigos científicos, notícias e reportagens, que possuam coerência e relevância ao tema. Os principais assuntos a serem analisados são: espaço público, apropriação dos espaços, carnaval, mobilidade urbana.

Visitas técnicas. Nesta etapa a ida ao local foi feita em dois períodos distintos, sendo a primeira quando o espaço público não participa como cenário ativo de um evento, isto é, quando as pessoas não estão se apropriando deste, em seu cotidiano. A segunda, por sua vez, foi realizada quando ocorre a celebração carnavalesca de rua. A partir da comparação das visitas, listou-se e compreendeu-se as modificações que ocorrem no local.

Os lugares escolhidos para essa análise de campo foram os correspondentes aos estudos de caso, logo, a Rua da Consolação, referente ao bloco do Acadêmicos do Baixo Augusta; a região da Vila Madalena, correspondendo ao percurso do cordão Kolombolo Diá Piratininga e o Largo da Batata. Nos dois primeiros locais, foram feitas duas visitas, como explicado anteriormente. O Largo da Batata, por sua vez, foi analisado somente durante o período carnavalesco, com o intuito de observar se as pessoas iriam ou não se apropriar daquele espaço público, mesmo que as manifestações de carnaval tenham sido lá proibidas.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa procura analisar, do ponto de vista dos grandes eventos públicos, com enfoque nos blocos carnavalescos, como está ocorrendo o processo de retomada da apropriação dos espaços públicos no município de São Paulo. Ademais, pretende compreender como a cidade é articulada atendendo as demandas que tais eventos necessitam além de mudanças que estes geram no cotidiano da vida urbana.

Primeiramente, para entender a retomada da utilização dos espaços da cidade por meio dos eventos carnavalescos, é necessário saber o que estes são de fato. Conhecido também como “bloquinho”, o bloco,

[...] como indica a palavra, é algo como uma multidão de Le Bon¹: poderoso, grande, avassalador, mas sem a necessária ordenação interna para representar (e elaborar) um drama capaz de promover impacto duradouro ou expressar nitidamente certo ponto de vista com suas necessárias nuances (DAMATTA, 1997, p.130).

Para abordar a temática dos blocos, é necessário, antes, discorrer sobre as origens do carnaval no Brasil. Este, por sua vez, modificou-se ao longo dos anos até se tornar a comemoração como a conhecemos. Possui sua origem no período colonial, aproximadamente no século XVIII, com influência do Entrudo, festa que acontecia nas ruas de Portugal, com duração de três dias e antecedia a Quaresma.

Na cidade de São Paulo, na medida em que o Carnaval se espalhou e se popularizou, vários elementos socioculturais foram acrescentados pelo movimento carnavalesco, na medida em que,

Sua população pobre, no geral negra e imigrante, buscava na cidade em desenvolvimento formas de sobreviver e, com pouco ou nenhum acesso aos bens sociais e culturais, criava e recriava nas ruas, quintais e festas populares, suas manifestações culturais (BELO, 2008, p.17).

No ano de 1914, surgiu o primeiro cordão carnavalesco no bairro da Barra Funda, intitulado “Cordão Barra Funda”. Este influenciou o surgimento de outros cordões na cidade, principalmente em localidades onde a população era majoritariamente negra, a exemplo do Bixiga e da Baixada do Glicério (PIMENTEL, 2019).

Cabe destacar a existência de uma diferença conceitual entre “bloco de rua” e “cordão carnavalesco”. O último pode ser definido como:

¹ Gustave Le Bon (1841-1931), Psicologia das multidões (1895).

Os cordões eram pequenas turmas de familiares, vizinhos e amigos que saíam às ruas com figurinos simples, feitos em casa, e com formação musical muito reduzida e improvisada. Deve-se sempre desconfiar daqueles que descrevem um cordão como uma multidão de encher as ruas, vestida em trajes esplendorosos e dançando ao som de uma música ensurdecadora (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 44).

Em 1935, as primeiras escolas de samba surgiram, mas as celebrações da população eram predominantemente nas ruas até, aproximadamente, os anos 1950. As festas concentravam-se nas regiões centrais da cidade como o Brás e a Avenida Paulista.

Posteriormente, passaram a ser realizadas em bailes fechados. O antropólogo Roberto DaMatta apresenta a diferença entre o “carnaval de clube” e o “carnaval de rua”. Enquanto este assume a forma de um encontro aberto, sendo guiado muita das vezes pelas escolas de samba, aquele trata-se de um ambiente bem determinado, em um espaço físico privado (DAMATTA, 1997).

O primeiro desfile oficial, em São Paulo, ocorreu na Avenida São João, em 1968, com o incentivo do prefeito da época, Vicente Faria Lima. As normas foram adquiridas do Rio de Janeiro, e, desde então, os desfiles das escolas de samba foram crescendo e passaram a ser realizados no Vale do Anhangabaú. Em 1977, transferiram-se para a Avenida Tiradentes, pois necessitavam de mais espaço. Foi somente em 1991 que o desfile ganhou a forma com a qual possuímos familiaridade hoje, sendo realizado no Polo Cultural e Esportivo Grande Otelo, isto é, o Sambódromo do Anhembi, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer (ACERVO ESTADÃO, 28/02/2014).

Segundo Baronetti:

[...] a substituição do carnaval conhecido como “participação”, realizado pelos cordões, blocos e escolas até a década de 1960, em São Paulo, para uma modalidade de carnaval de atores e espectadores. Esta modalidade de carnaval não se configura como uma festa, mas como um espetáculo, com ganhadores e perdedores. Os atores são aqueles que se fantasiam e desfilam por suas escolas, cujo principal objetivo é se sagrar campeã. Os espectadores, maior parte dos envolvidos, não participam de fato dos desfiles, apenas assistem passiva, ou presencialmente ou ainda pela televisão, e admiram o espetáculo (BARONETTI, 2013, p. 375).

Diante do sucesso dos desfiles realizados pelas escolas de samba, os investimentos públicos voltaram-se apenas a essa esfera do carnaval paulista, deixando de lado a folia espontânea que acontecia pela cidade. Dessa forma, ocorreu um enfraquecimento nas celebrações carnavalescas de rua (PIMENTEL, 2019).

A retomada das ruas, no século XXI, por meio dos blocos carnavalescos, ao contrário do que parece, teve seu início por meio de um movimento realizado por blocos ativistas, e, posteriormente, o poder público passou a incentivar esses eventos. A ocorrência destes, em São Paulo, é anterior aos cadastros realizados pela Prefeitura. Em 2012, alguns eventos de rua sofreram boicotes e repressões com maior intensidade. Essa ocorrência motivou mais de 30 blocos, juntamente a outros movimentos da sociedade civil, adeptos do tema, a publicarem o Manifesto Carnavalista.

Esse documento tinha como principal objetivo legalizar as celebrações carnavalescas nas ruas da cidade, reivindicando: a valorização e afirmação da tradição cultural paulistana; a ocupação do espaço público como exercício da cidadania e a identificação do potencial econômico do carnaval de rua (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2014).

Após dois anos, com o Decreto nº54.815, de 5 de fevereiro de 2014 (e consolidado em 5 de outubro de 2017), houve a regulamentação dos blocos pela cidade. Tal regulamentação, decretada pela Prefeitura Municipal de São Paulo, na gestão de Fernando Haddad, define o carnaval de rua paulistano como uma manifestação carnavalesca voluntária, sem finalidade lucrativa, não hierarquizada. Também afirma que, por se tratar da ocupação temporária de bens públicos, não pode haver nenhum meio de segregação espacial, promovendo a livre circulação de pessoas.

Nesse movimento, percebe-se que “esse centro da cidade, tão nervoso e histérico, surge como se fosse uma praça medieval: totalmente tomado pelo povo que ali anda substituindo os carros, vendo ou brincando o carnaval” (DAMATTA, 1997. p.114).

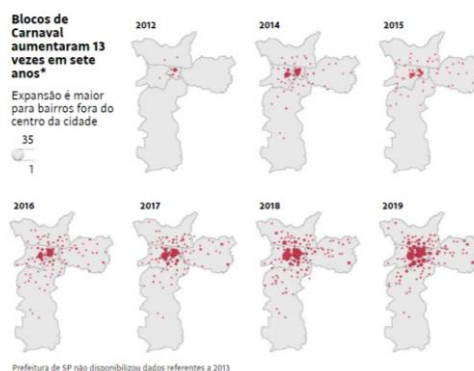


Imagem 1. <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/carnaval-de-rua-cresce-e-mancha-ocupada-por-blocos-se-esparraha-por-sp.shtml>>

No ano de 2019, mais expressivamente, houve um incentivo para que as celebrações se espalhassem pela cidade, a fim de evitar grandes tumultos e superlotações em determinadas áreas (PREFETURA DE SÃO PAULO, 2019). A tendência de espraiamento dos blocos teve continuidade em 2020, chegando a 32 subprefeituras.

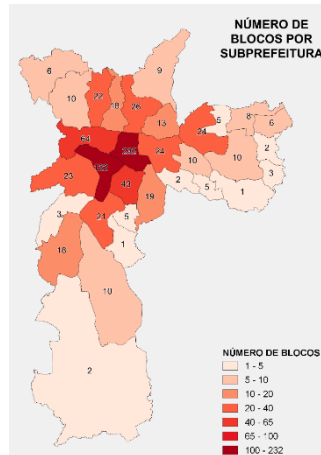


Imagem 2. Acervo pessoal, dados obtidos em: <<https://carnavalderua.prefeitura.sp.gov.br>>

O processo de espraiamento desse evento pela cidade de São Paulo mostra as novas relações estabelecidas entre milhões de pessoas com a cidade em seu âmbito público, isto é, as ruas. Nota-se “[...] o aumento da percepção de importância do espaço público como ponto de encontro e fruição por parte da sociedade e o desejo de sua reapropriação” (CALLIARI, 2016, p.165).

Dentre tais mudanças que ocorrem no dia a dia da cidade para abrigar as comemorações carnavalescas, pode-se citar: diferente fluxo e amplo uso de transporte público para a chegada aos bloquinhos, a implementação de arquiteturas transitórias e os impactos tanto positivos quanto negativos no comércio, formal e informal.

Algo evidente na ocorrência dos blocos é a localização estratégica referente à mobilidade urbana. Como as ruas em que os eventos ocorrem são sempre fechadas para a passagem de automóveis, de modo a preservar a segurança dos foliões, estes estão situados em regiões onde há oferta de transporte público, principalmente estações de metrô. Assim, o número de pessoas que utiliza estes modais aumenta significativamente nos períodos pré, durante e pós carnaval. De acordo com a pesquisa realizada pela SPturis sobre o carnaval de rua de 2019, cerca de 55% das pessoas utilizam trem e metrô para chegar aos blocos.

No âmbito econômico, o carnaval de rua paulistano também interfere na movimentação de capital, promovendo a circulação de mais de 2,1 bilhões de reais, somente na cidade de São Paulo, de acordo com a Secretaria Municipal de Turismo. Além disso, gera

cerca de 10 mil empregos temporários para comerciantes ambulantes (SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO, 22/03/2019), juntamente com o patrocínio da SKOL, que participa do evento por três anos consecutivos.

Eventos de grande porte, como é o caso dos blocos carnavalescos, demandam uma infraestrutura adicional para melhor comodidade da população. Tal necessidade traduz-se na implementação de arquiteturas transitórias, as quais possuem como característica estarem inseridas no espaço por apenas um determinado tempo (PIRES, 2017). Exemplos desse tipo de arquitetura, dentro do contexto do carnaval, seriam os banheiros químicos, os gradis, as tendas utilizadas pelos patrocinadores do evento para a venda de bebidas.

Por mais que os eventos carnavalescos ilustrem a apropriação do espaço público, suas ocorrências estão mais diretamente atreladas a sua localização na cidade, isto é, certa proximidade com modais de transporte público, do que, de fato, com a qualidade do espaço público propriamente dita. A exemplo dessa afirmação, nota-se a ocorrência bastante expressiva de blocos na região do centro-oeste da cidade.

Diante disso, cabe analisar com maior especificidade os blocos “Acadêmicos do Baixo Augusta” e “Kolombolo Diá Piratininga”, ambos foram de grande importância para a atual situação do carnaval de rua paulista. Outra análise que se faz necessária para esta pesquisa é a apropriação do Largo da Batata durante o período carnavalesco, o qual se tornou um ícone da celebração de rua paulistana, e, em 2020, foi vetado para o evento.

ACADÊMICOS DO BAIXO AUGUSTA

O Bloco Acadêmicos do Baixo Augusta foi fundado em 2009 por um grupo de amigos que tinha como interesse comum celebrar a diversidade e reabilitação daquela região (BAIXO AUGUSTA, 2020). Em uma entrevista dada ao site “BLOCOS DE RUA”, um dos fundadores do bloco ativista, Ale Youssef, afirma que a ideia inicial era promover a apropriação daquele espaço, isto é, do Baixo Augusta, e o fizeram através do carnaval.

De acordo com ele, a luta consistia em se obter o direito de ocupação da rua com arte, cultura e carnaval. Outra afirmação relevante feita pelo ativista foi a respeito da consolidação desse movimento, o qual está diretamente ligado ao movimento da sociedade civil, em que é condizente com o desejo da população em ocupar e realizar a maior festa brasileira na capital paulista (BLOCOS DE RUA, 2019).

Com o intuito de enxergar e analisar as mudanças geradas na região pelo bloco, foram realizadas duas visitas de campo ao local, uma anterior ao evento e a outra durante o evento. Quanto ao percurso do Acadêmicos do Baixo Augusta, este teve seu início na Rua

Consolação, próximo à estação Paulista do Metrô (linha amarela), às 14 horas, com trajeto até a Avenida São Luís e dispersão na Praça Franklin Roosevelt, por volta de 20 horas.

Na visita realizada anteriormente ao bloco, pode-se afirmar que a via escolhida é capaz de comportar um amplo contingente populacional e está em um local privilegiado da cidade, com diversas alternativas de transporte público para a aglomeração e dispersão de pessoas. Entretanto, no dia 13 de fevereiro de 2020, nota-se que não há uma quantidade expressiva de pessoas nas calçadas e ocupando o local, de fato.

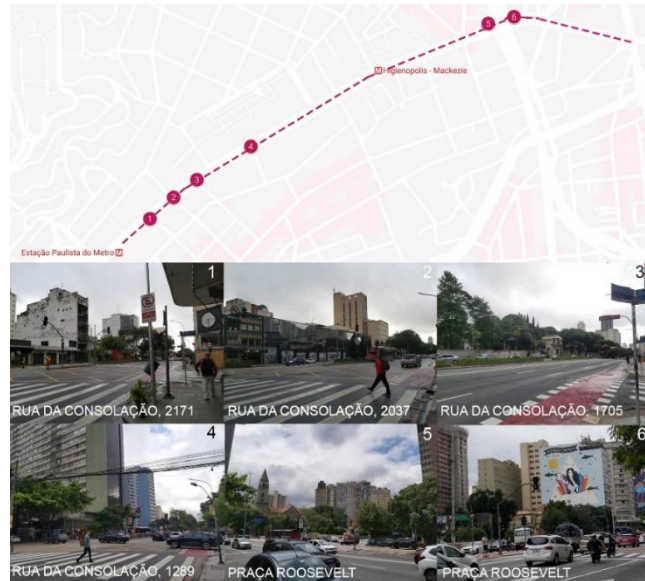


Imagem 3. Acervo pessoal (Base do mapa: Google Maps; Fotos tiradas em: 13/02/2020)

Por outro lado, durante o evento carnavalesco, que aconteceu em 16 de fevereiro de 2020, apesar da ocorrência de chuvas, fez com que os dois sentidos da Consolação ficassem repletos de foliões. Ademais, foi observada a implementação de infraestrutura como uma ampla quantidade de banheiros químicos, gradis que delimitavam o percurso do desfile, bem como o desvio dos automóveis. Além disso, havia a presença de policiamento próximo às estações de metrô, com o intuito de evitar tumultos e organizar a entrada e saída de pessoas.

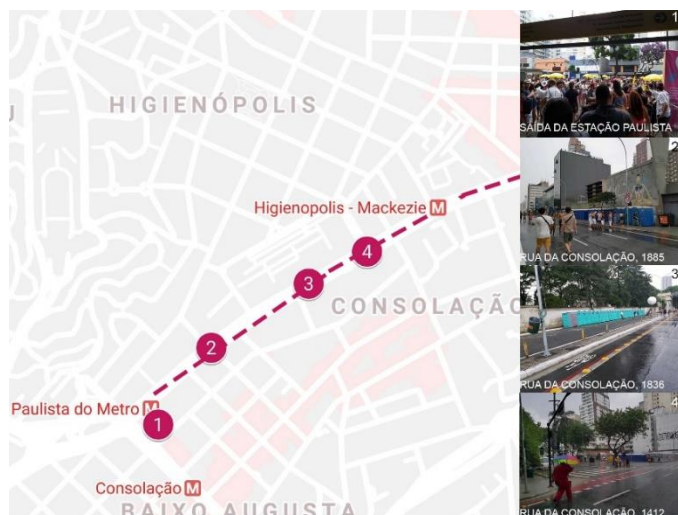


Imagem 4. Acervo pessoal (Base do mapa: Google Maps; Fotos tiradas em: 16/02/2020)

É interessante ressaltar o quão significativo é a dimensão que esse bloco obteve. Dentre os que lutaram pela retomada do carnaval de rua, o Acadêmicos do Baixo Augusta é o mais reconhecido por seu ativismo. O fato de um grande contingente populacional aderir a essa manifestação cultural, mostra a força que esse movimento teve e ainda tem.

KOLOMBOLO DIÁ PIRATININGA:

O Cordão Carnavalesco Kolombolo Diá Piratininga foi fundado em 2002. Este realiza seus desfiles na região da Vila Madalena, zona oeste de São Paulo. Sua missão é “realizar desfiles de carnaval de rua e valorizar a tradição dos cordões carnavalescos.” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016).

O fundador do cordão, Renato Dias, ressaltou que, diferentemente do carnaval realizado no sambódromo, o de rua, por sua vez, provém de um trabalho voluntário, de modo muito mais espontâneo. Ao passo que o outro modelo de celebração carnavalesca visa certa profissionalização (EBC, 2013).

Diante dessa posição, o cordão foi um dos principais ativistas para a retomada da celebração do carnaval de rua na cidade, lutaram pelo distanciamento do modelo empresarial existente na celebração e tiveram participação fundamental no Manifesto Carnavalista.

Assim como no estudo de caso anterior, foram realizadas duas visitas de campo. A primeira ida ao local foi realizada no dia 8 de fevereiro de 2020. O percurso tinha como local de concentração Centro Cultural Rio Verde, na rua Belmiro Braga, passando em sequência por: Rua Inácio Pereira da Rocha, Rua Girassol, Rua Aspicuelta, Rua Harmonia, retornou à Rua Inácio Pereira da Rocha e, por fim, novamente, Rua Belmiro Braga.

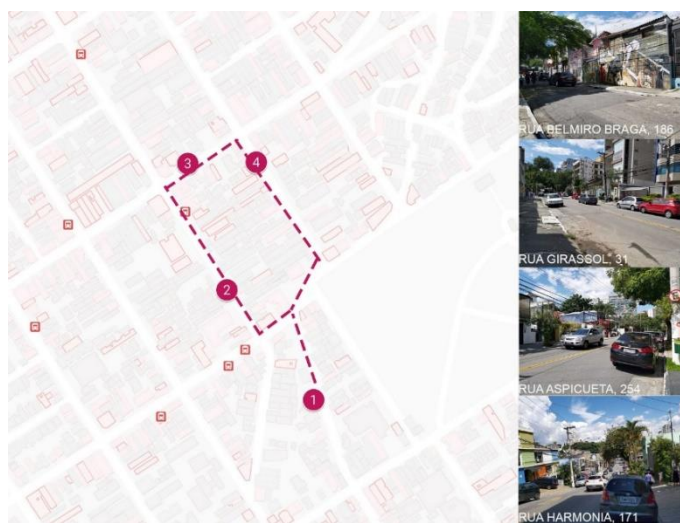


Imagem 5. Acervo pessoal (Base do mapa: Google Maps; Fotos tiradas em: 13/08/2020)

Nesse dia, notou-se que a Rua Belmiro Braga é uma via relativamente estreita, principalmente por ser o local de concentração e dispersão do evento, com aproximadamente

4 metros de largura. Também pode-se concluir que o percurso tinha como uso predominante do solo o comercial, com presença de lojas, bares e restaurantes.

Entretanto, quanto ao dia do desfile, que ocorreu no dia 15 de fevereiro de 2020, pode-se observar que o tamanho da via adotada (Belmiro Braga) era coerente com o contingente de pessoas que compareceram ao evento. Ao chegar no local, pude conversar com algumas pessoas integrantes do Kolombolo Diá Piratininga, e, ao me referir ao desfile como “bloco”, fui imediatamente corrigida para chamar o evento de “cordão”. Assim, este possui um caráter de evento local, isto é, foca na escala do bairro, é feito para as pessoas da vizinhança e região participarem.

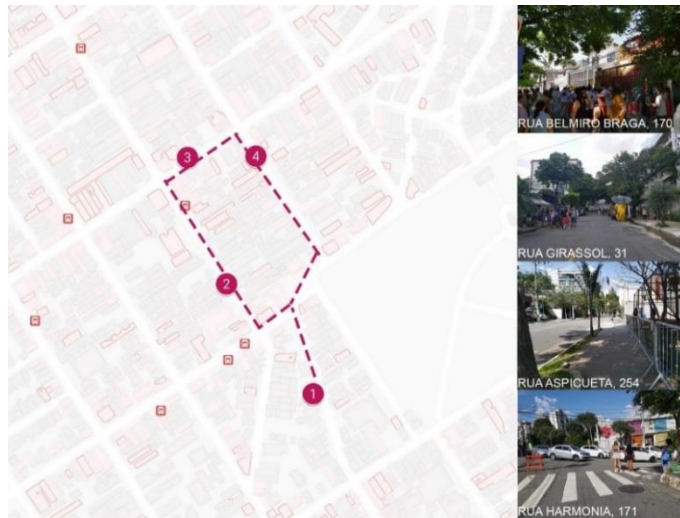


Imagem 6. Acervo pessoal (Base do mapa: Google Maps; Fotos tiradas em: 15/02/2020)

Outra observação feita no dia do desfile foi a presença de gradis e banheiros químicos como infraestrutura e mudança efêmera na paisagem do bairro. Além disso, a presença de policiais e agentes da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) durante todo o período do evento (não só para o do Kolombolo mas também para os outros que aconteceriam na região).

Ao contrário do esperado, o fechamento das ruas só ocorreu bem próximo ao horário de início do desfile. Também foi curioso que a principal avenida pela qual o cordão iria cruzar foi fechada apenas quando o cortejo já havia começado. Nas fotos pode-se ver que há carros transitando enquanto o trio e as pessoas já estão se deslocando.



Imagem 7. Acervo Pessoal
Tirada em: 15/02/2020



Imagem 8. Acervo Pessoal
Tirada em: 15/02/2020

É interessante ressaltar que a retomada do carnaval de rua, foi um movimento plural desde seu princípio, assim, contempla eventos de diferentes proporções e estilos musicais. O desfile realizado pelo Kolombolo Diá Piratininga exemplifica isso muito bem, afinal, é um cordão carnavalesco, que busca resgatar as raízes do samba paulista.

LARGO DA BATATA:

Ao analisar com mais especificidade, os blocos que acontecem na região da Faria Lima, precisamente, no Largo da Batata, foram os de maior destaque e visibilidade nos noticiários, até o ano de 2019. Nessa região, o evento é denominado como “megabloco”, categoria que concentra mais que 100 mil pessoas durante a celebração.

Este estudo de caso é peculiar não pelo caráter ativista dos blocos que lá ocorreram, por ter se tornado um dos marcos do carnaval de rua paulistano, no século XXI. Nesse sentido, faz-se necessário uma retomada de cunho histórico sobre este território, isto é, o Largo da Batata.

Ao contrário das demais áreas centrais da capital paulista, o Largo não despertou interesse no mercado imobiliário especulativo ao longo de sua constituição histórica. No ano de 2002, foi realizado um concurso pela EMURB, com o objetivo de requalificação dessa região, no qual visava conciliar com esse processo a identidade e a população daquele local. Entretanto, com a Operação Urbana Faria Lima, já havia a eminência da ocorrência de gentrificação na área.

Como resultado do concurso “esse se tornou um grande vazio, uma imensa área de concreto” (CASTRO, 2017, p.87). Ainda em 2011 as obras não haviam sido finalizadas, e o descontentamento das pessoas era nítido. Em decorrência disso, surgiram dois movimentos de cunho popular, sendo um deles “A Batata Precisa de Você”.

Tal movimento visa organizar ações regulares e atividades no Largo da Batata, com o objetivo de fortalecer a relação identitária da população com o local. Além disso, se propõe a testar novos modos de ocupação e reivindicar melhorias para a qualidade do Largo quanto um espaço público (A BATATA PRECISA DE VOCÊ. <http://largodabatata.com.br/a-batata-precisa-de-voce/>). Este foi essencial para a requalificação do local, e, nesse sentido, a apropriação que ali ocorre simboliza a resistência contra a transformação de um espaço público em uma propriedade privada (MASCARENHAS, 2014).

Desse modo, pode-se dizer que a ocorrência dos blocos na região do Largo da Batata ilustra claramente o processo de apropriação dos espaços público no âmbito do carnaval de rua. Entretanto, em 2020, foi proibida a ocorrência desses eventos nessa localidade, com a

justificativa de que lá havia altos índices de casos de violência, como furtos e arrastões, além da depredação da estação de metrô Faria Lima.

Mesmo com a proibição da área, no período pré-carnaval, ocorreu um evento não autorizado pela prefeitura nesse local em 2020. De acordo com os dados no Facebook, 3000 pessoas confirmaram presença enquanto cerca de 9000 demonstraram-se interessadas. Durante o evento, houve a ocorrência de arrastões e a PM realizou forte repressão, utilizando bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha como método de dispersão das pessoas (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/02/2020).

Diferentemente dos estudos de caso anteriores, e, diante da proibição do Largo da Batata para a ocorrência dos eventos carnavalescos, a visita de campo buscou observar se haveria ou não algum tipo de apropriação na área, mesmo que não fosse regulamentada pela Prefeitura.

Foi possível notar em uma visita realizada no dia 26 de fevereiro de 2020 o isolamento do local por meio de gradis para que as pessoas não utilizassem esse espaço da cidade, como mostra as seguintes imagens.



Imagem 9. Acervo Pessoal
Tirada em: 25/02/2020



Imagem 10. Acervo Pessoal
Tirada em: 25/02/2020



Imagem 11. Acervo Pessoal
Tirada em: 25/02/2020

Para realizar tal análise, foi escolhido o bloco de maior abrangência dentro de um raio de 1,5 quilômetros a partir do Largo, sendo este o “Bloco da Latinha Mix”. Ao descer na estação Faria Lima, foi realizado o percurso até o local do evento, que ocorreu na Rua Henrique Schaumann, 567. Pode-se concluir que os foliões que compareceram a esse bloquinho chegaram por meio das estações Fradique Coutinho e Oscar Freire.

O evento contou com atrações nacionais e internacionais, funcionando como um show gratuito promovido pela Rádio Mix, atraindo muitos foliões para a celebração. Infelizmente, durante a passagem do bloco, duas pessoas ficaram feridas devido a um tiroteio (G1, 25/02/2020). Nesse sentido, nota-se que a estratégia de impedir que o Largo da Batata receba as manifestações carnavalescas não foi eficaz no quesito de segurança pública.

Além da região da Faria Lima, o Centro de São Paulo também tem suas ruas tomadas pela população. Isso deve-se ao fato de ser um lugar da cidade repleto de alternativas de

modais de transporte público, além de ser, historicamente, onde os cordões e blocos carnavalescos desfilavam pela cidade.

Diante disso, foi realizada outra visita de campo na região da República, no dia 24 de fevereiro de 2020, durante o bloco “Domingo Ela Não Vai”. É importante notar que esse bloquinho surgiu quando a regulamentação do carnaval de rua paulista já havia sido realizada. Assim, ele exemplifica a ampliação desse movimento cultural.

O trajeto realizado pelo evento iniciou-se na Avenida Ipiranga, seguindo para: Praça da República; Avenida São Luís; Rua Cel. Xavier de Toledo; Praça Ramos de Azevedo e com sua dispersão em frente ao Shopping Light. Durante a visita, se pode observar também uma ampla infraestrutura instalada na praça na República, como postos médicos, e uma grande quantidade de banheiros químicos distribuídos ao longo do trajeto do bloco.



Imagem 12. Acervo Pessoal
Tirada em: 24/02/2020



Imagem 13. Acervo Pessoal
Tirada em: 24/02/2020



Imagem 14. Acervo Pessoal
Tirada em: 24/02/2020

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o carnaval de rua de São Paulo, por meio do resgate histórico até os dias atuais para analisá-lo. Dessa forma, foi possível realizar estudos de caso que possibilitaram observar as mudanças geradas no âmbito da cidade e no espaço público em decorrência da apropriação das pessoas em prol de uma manifestação cultural.

Diante das visitas de campo realizadas, nota-se que em São Paulo, o carnaval de rua não possui uma ligação direta com o samba. É definido como evento democrático não só pelo distanciamento do modelo que ocorre em Salvador, Bahia, mas também por ser muito eclético na configuração e estilo dos blocos (CARTA CAPITAL, 25/01/2020).

Essa afirmação fica evidenciada ao notar as diferentes formas de manifestações culturais carnavalescas elencadas para os estudos de caso dessa pesquisa. Enquanto algumas configuram eventos locais, para os moradores da região, outras assumem caráter de grandes shows que acontecem nas ruas.

Estabelecendo comparações entre os estudos de caso, pode-se concluir que a luta para a democratização e regulamentação do carnaval de rua não ocorreu apenas por parte dos megabloques que aglomeram milhares de pessoas, vide o Acadêmicos do Baixo Augusta. Os cordões carnavalescos, a exemplo do Kolombolo Diá Piratininga, que tem como intuito resgatar o samba e as raízes do carnaval paulista, tiveram a mesma importância para o movimento de retomada do carnaval de rua.

Outro comparativo relevante para a pesquisa é a conotação de show que muitos blocos assumem, como é o caso do Bloco da Latinha Mix, que convidou artistas nacionais para se apresentarem no trio elétrico. Por outro lado, bloco Domingo Ela Não Vai, tocou músicas para os foliões celebrarem e dançarem durante o trajeto. Ambos os eventos levaram quantidades significativas de pessoas para as ruas. Isso reforça o caráter multifacetado da celebração de rua carnavalesca de São Paulo, que contempla diferentes públicos, gêneros e idades. Por mais que existam casos de insegurança pública, isso não é motivo de impedimento para os foliões e tampouco reduz a participação dos blocos.

Pode-se concluir, assim com Gehl, que “Como interface aberta e acessível entre as pessoas, o espaço urbano garante uma importante arena para grandes encontros, manifestações e protestos políticos [...]” (GEHL, p. 29, 2014).

Do ponto de vista de transformação da cidade, cabe ressaltar que há uma melhoria gradativa das infraestruturas implementadas. Tal melhoria também pode ser notada quanto a mobilidade urbana, com relação aos manejos realizados no transporte público, principalmente nas estações de metrô e trem, evitando a ocorrência de grandes tumultos.

De acordo com o OTE (Observatório de Turismo e Eventos), o carnaval de rua de 2020 contou com 96,4% de seu público “satisfeito” ou “muito satisfeito” com o evento. Ademais 95,7% dos entrevistados acham que a prefeitura deve continuar apoiando o carnaval de rua da cidade além de gerar um impacto econômico de 2,7 bilhões de reais. Assim, pode-se dizer que o carnaval de rua é tido como um dos eventos mais importantes para a cidade de São Paulo.

Embora o carnaval de rua não seja uma solução, de fato, para que as pessoas tomem a cidade e sintam-se pertencentes a ela, este evento revela como a população está receptiva a este movimento de retomada das ruas. Portanto, pode dar indícios à gestão pública para quais caminhos devem ser seguidos em busca de uma melhora dos espaços públicos da cidade.

Nesse sentido, pode-se concluir o quão significativo é o carnaval de rua como modo de incentivar e promover a apropriação do espaço público pelas pessoas. Segundo o historiador Bruno Baronetti, em uma entrevista dada a Carta Capital:

É a ocupação do espaço público. A experiência de vivenciar a rua. Em um momento em que as pessoas se fecham em condomínios por conta da insegurança e da verticalização urbana, tornando São Paulo uma cidade hostil, ocupar as avenidas e ruas dela é um fenômeno muito interessante (CARTA CAPITAL, 25/01/2020).

6. REFERÊNCIAS

BARONETTI, Bruno Sanches. *Da Oficialização ao Sambódromo: Um estudo sobre as escolas de samba de São Paulo (1968- 1966)*. 2013. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24042014-122332/publico/2013_BrunoSanchesBaronetti_VCorr.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

BELO, Vanir de Lima. *O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das Escolas de Samba em São Paulo*. 2008. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-13022009-133655/publico/VANIR_DE_LIMA_BELO.pdf > Acesso em: 19 jan. 2020

CALLIARI, Mauro. *Espaço público e urbanidade em São Paulo*. São Paulo: Editora BEI, 2016.

CASTRO. L. G. R. de. (2017). *Espaços Públicos: Interpretações e Projeto*. Relatório Técnico Científico. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 114 p. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. Disponível em: <<file:///C:/Temp/A%20EFEM%C3%89RIDE%20VIRADA%20CULTURAL.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

CUÍCA, Osvaldinho e DOMINGUES, André. *Batuqueiros da Pauliceia*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

DAMATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro. 1997.

GEHL. Jan. *Cidades para Pessoas*. Tradução Anita Di Marco. 2. ed. Editora Perspectiva S.A. São Paulo. 2014.

GUERRA. Abilio. *Virada Cultural em São Paulo: reconquistando as ruas do centro*. Arquiteturismo, São Paulo, ano 05, n.050.07. São Paulo: Vitruvius, abr. 2011. Disponível em:

<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquiteturismo/05.050/3854>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

MASCARENHAS, L. P. *Reconversão Urbana no Largo da Batata: revalorização e novos conteúdos na centralidade de Pinheiros*. 2014. 158 f. Dissertação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.

NARCISO, Carla Alexandra Filipe. *Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências*. 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

PIMENTEL, Evandro. *A história esquecida do Carnaval de rua de São Paulo*. 2019. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/a_historia_esquecida_do_carnaval_de_rua_de_sao_paulo>. Acesso em: 28 jan. 2020.

PIRES, N. A *Efeméride Virada Cultural*. 2017. 37 p. Disponível em: <[file:///C:/Temp/A%20EFEM%C3%89RIDE%20VIRADA%20CULTURAL%20\(1\).pdf](file:///C:/Temp/A%20EFEM%C3%89RIDE%20VIRADA%20CULTURAL%20(1).pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2019.

SÃO PAULO. Acervo do Estadão. *Primeiro carnaval oficial de São Paulo foi em 1968*. 2014. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,primeiro-carnaval-oficial-de-sao-paulo-foi-em-1968,9798,0.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

SÃO PAULO. Baixo Augusta. Disponível em: <<http://baixoaugusta.org.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. Blocos de Rua. *Alê Youssef, fundador do Acadêmicos do Baixo Augusta, fala sobre sua relação com o Carnaval*. 2018. Disponível em: <<https://www.blocosderua.com/noticias/entrevista-academicos-baixo-augusta/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. Câmara Municipal de São Paulo. *Pinheiros e Vila Madalena viram reduto do carnaval de rua de SP*. 2014. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/pinheiros-e-vila-madalena-viram-reduto-do-carnaval-de-rua-de-sp/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. Carta Capital. *“Cidade hostil, ocupação da rua no carnaval de São Paulo é um fenômeno”*. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-hostil-ocupacao-da-rua-no-carnaval-de-sao-paulo-e-um-fenomeno/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. EBC. *Blocos de rua de São Paulo defendem modelo não empresarial de carnaval*. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/02/blocos-de-rua-de-sao-paulo-defendem-modelo-nao-empresarial-de-carnaval>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. Folha de S. Paulo. *Carnaval de rua cresce e mancha ocupada por blocos de esparrama*. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/carnaval-de-rua-cresce-e-mancha-ocupada-por-blocos-se-esparrama-por-sp.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SÃO PAULO. Folha de S. Paulo. *Do esfarrapado a empresas, blocos de SP transformaram o Carnaval*. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/de-esfarrapado-a-empresas-blocos-de-sp-transformaram-o-carnaval.shtml>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. Folha de S. Paulo. *PM faz ação contra pré carnaval não autorizado em SP, e pessoas confundem com arrastão*. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/pm-prende-tres-por-trafico-em-acao-contra-pre-carnaval-nao-autorizado-em-sp.shtml>> Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. G1. *Duas pessoas são baleadas durante passagem de bloco de carnaval em Pinheiros; DJ Diplo é retirado do trio*. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/duas-pessoas-sao-baleadas-durante-passagem-de-bloco-de-carnaval-em-pinheiros.ghtml>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. Prefeitura de São Paulo. *Prefeitura de São Paulo detalha o Plano de Apoio ao Carnaval de Rua de São Paulo*. 2016. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=19605>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

SÃO PAULO. Secretaria Especial De Comunicação. *Carnaval de Rua movimentou R\$ 2,1 bilhões na economia da cidade*. 2019. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/noticia/carnaval-de-rua-movimenta-r-2-1-bilhoes-na-economia-da-cidade>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SÃO PAULO. SPTuris. São Paulo Turismo. *Carnaval de rua 2020*. 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/relatorio_carnaval_rua_2020.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

SÃO PAULO. SPTuris. São Paulo Turismo. *Carnaval paulistano 2019*. 2019. Disponível em: <http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/CARNAVAL_SAMBODROMO_RUA_2019_ALTA.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

Contatos: luizadiaz1701@hotmail.com e denise.antonucci@mackenzie.br